

*Um ciclo vicioso de conceitualização superficial:
Desconstruindo a natureza no discurso da inovação
(política) social*

Hande Sinem Ergun* e Seray Begüm Samur-Teraman**

*Marmara University 

***Birmingham City University 

RESUMO

Estudos críticos sobre inovação social (IS) revelam que os conceitos de sustentabilidade são amplamente utilizados por acadêmicos, formuladores de políticas e profissionais em um nível superficial (Eichler & Schwarz, 2019). Mesmo que a IS esteja ligada principalmente às dimensões sociais e econômicas, a relação entre IS e meio ambiente ainda é vaga e precisa de mais pesquisas. Um possível motivo para essa desconexão seria a predominância de suposições antropocêntricas em vez de suposições ecocêntricas? Para preencher essa lacuna, este artigo tem como objetivo explorar a conceituação da natureza nos documentos do SI. Fazemos isso por meio de uma análise das publicações da Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente os Accelerator Labs do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Além disso, consideramos como o SI é entendido, executado, promovido e como as percepções da natureza afetam o SI. A análise de discurso ecocrítica (ECDA) é adotada como abordagem analítica para este estudo. Este estudo utiliza textos como material empírico sobre IS publicados pela ONU. O foco na ONU é apropriado, pois ela é uma instituição altamente influente nas economias nacionais, moldando suas políticas e práticas de IS. Portanto, este estudo é realizado com base no fato de que o discurso desses documentos afeta o discurso e as práticas de IS dos países e do campo. A contribuição deste estudo está em seu esforço para revelar proposições incorporadas nos textos de IS por meio de uma análise orientada pela linguagem e, em seguida, discutir como uma compreensão mais profunda recuperaria a agenda para problemas socioeconômicos duradouros por meio de um discurso crítico ecocêntrico.

Palavras-chave: Inovação social; Desenvolvimento sustentável; Ecocentrismo; Discurso de políticas; Ecocêntrico; Análise crítica do discurso.

Proposta Submetida em 24 de janeiro de 2022, Artigo Recebido em 15 de maio de 2022, Avaliações Enviadas em 18 de outubro de 2022, Revisado em 4 de novembro de 2022, Aceito em 14 de novembro de 2022, Disponível online em 16 de maio de 2023.



INTRODUÇÃO

A maneira moderna e supostamente civilizada de se organizar provou ser ecológica e socialmente destrutiva (Heikkurinen *et al.*, 2016). No entanto, conceitos como sustentabilidade, desenvolvimento sustentável (DS), inovação social (IS), economia social e empreendedorismo social surgiram como possíveis soluções para essa destruição. Juntamente com o crescente impacto das organizações intergovernamentais, o interesse no campo da sustentabilidade também aumentou em consonância com a pesquisa no campo da IS. No entanto, ainda há problemas sociais e ambientais globais significativos, apesar desse imenso interesse em sustentabilidade e dos esforços acadêmicos para desenvolver uma rede de conhecimento (Whiteman *et al.*, 2013).

Alguns conceitos relacionados ao DS, inclusive o SI, surgiram do pensamento antropocêntrico da organização e da gestão dominante, que parece ser a causa principal dos problemas ecológicos atuais (Heikkurinen *et al.*, 2016; Vlasov *et al.*, 2021). Portanto, seria ingênuo esperar resolver os problemas com a mesma mentalidade que já os criou. Portanto, se as suposições subjacentes à inovação, à tecnologia e ao empreendedorismo não forem expostas e questionadas, as chamadas soluções que nascem desses conceitos não resolverão os problemas e poderão até aprofundá-los. Sem mudar as suposições e as condições que criam esses problemas em primeiro lugar, o discurso e as práticas convencionais de IS, que são principalmente orientados para o mercado e a tecnologia, tornam-se apenas “soluções” rápidas para os problemas (Haskell *et al.*, 2021, Heikkurinen *et al.*, 2016, Vlasov *et al.*, 2021). A relação entre a IS e o meio ambiente ainda é vaga, faltando pesquisas sobre a conceituação da natureza e/ou ecologia na IS (Haskell *et al.*, 2021, Olsson *et al.* 2017). Embora existam estudos críticos sobre DS e IS, muitos deles surgem de um ponto de vista antropocêntrico, sendo necessária uma crítica ecocêntrica nesse campo (Haskell *et al.*, 2021).

Para preencher essas lacunas e atingir nosso objetivo, nos concentramos nas suposições dos relatórios SI do UNDP Accelerator Labs (doravante AL) em termos de ecocentrismo. Tentamos entender as suposições subjacentes e implícitas que podem ter um impacto negativo no diagnóstico e prejudicar os resultados das práticas que esses relatórios se propõem a resolver. De acordo com a análise do discurso ecocêntrico (ECDA) (Stibbe, 2015), os textos dão a impressão de serem ambivalentes em relação à percepção da natureza, ao mesmo tempo em que visam explicitamente propor práticas para a SI, enquanto reproduzem implicitamente a suposição básica que sustenta a mentalidade e a estrutura que geraram os problemas. Os textos também são escritos de forma a convencer o leitor a acreditar que é “assim que as coisas são”, em vez de adotar uma perspectiva específica, que nesse caso é principalmente tecnocêntrica neoliberal.

1. FILOSOFIA ECOCÊNTRICA

No século passado, o crescimento econômico, o desenvolvimento tecnológico e a prosperidade foram alcançados pelos seres humanos às custas do ambiente natural e da igualdade social. A ideia atual de desenvolvimento humano provou ser destrutiva. Os problemas que encontramos são, na verdade, culturais, tanto quanto econômicos ou tecnológicos, pois os desenvolvimentos são orientados por valores e cultura. A maneira como percebemos a natureza também é determinada por nossos valores e cultura (Hoffman & Sandelands, 2005). O antropocentrismo e o ecocentrismo são dois pontos de vista ambientais distintos que regem nossa compreensão da natureza e nossas relações com ela. No antropocentrismo, há uma dualidade fundamental entre o ser humano e a natureza, mantendo o ser humano no centro de tudo nesta terra, e tudo ao redor da terra deve servir às necessidades da humanidade. Desde o século XVI, o surgimento do capitalismo e a Revolução Industrial, a visão antropocêntrica é frequentemente apresentada como a única maneira de viver, e o progresso humano é o objetivo final neste mundo (Mead, 2017). No antropocentrismo, tudo é visto e interpretado a partir da experiência humana, e "uma coisa" só tem valor se for útil para os seres humanos. Essa mentalidade criou uma organização e modos de vida egocêntricos (Purser *et al.*, 1995). Há sérias tentativas de modificar o antropocentrismo em termos de ecologia. Por exemplo, Stephens *et al.* (2019) propuseram reformular "consciência social" para "consciência socioecológica" e "emancipação humana" para emancipação com o objetivo de converter a justiça ecológica em ação prática na estrutura do pensamento sistêmico crítico. Outra tentativa foi distinguir entre o antropocentrismo legítimo e ilegítimo e redefinir o conceito (Hayward, 1997). Essas tentativas de reabilitação do antropocentrismo são valiosas, mas de valor limitado para a utilização humana, que é o motor da destruição ecológica e é insuficiente para um potencial regenerativo (Kopnina *et al.*, 2018).

Entretanto, sob a perspectiva da filosofia ecocêntrica, os seres humanos são considerados um subsistema dos sistemas naturais e são responsáveis pela saúde do ecossistema (Purser *et al.*, 1995). Os seres humanos não são criaturas privilegiadas da natureza e estão sujeitos às mesmas regras ecológicas que outras criaturas da natureza. A natureza tem valor intrínseco, independentemente da utilidade e do valor que os seres humanos atribuem a ela. Portanto, a preservação da natureza não deve estar vinculada ao seu valor para os seres humanos, mas sua presença é valiosa por si só. Uma abordagem holística é outra característica do ecocentrismo. Em vez de estudar o organismo biológico isolado da natureza, o ecocentrismo considera todo o contexto, as relações e os processos inter-relacionados. O ecocentrismo exige a aceitação da inserção e da dependência de objetos humanos e criados pelo homem no ecossistema. O ecocentrismo enfatiza que a maioria dos problemas que os seres humanos encontram hoje é resultado da separação da mente da natureza (Heikkurinen *et al.*, 2016; Purser *et al.*, 1995).

Como os campos de organização e gestão são construídos com base em suposições antropocêntricas, a sustentabilidade e os conceitos relacionados derivados do mesmo campo de gestão serão apenas a ecologização de práticas comerciais intrinsecamente destrutivas e a criação de expectativas irrealistas para a melhoria da situação ecológica. O posicionamento do consumo e da aquisição de materiais como o modo de vida "padrão" e a promoção do "consumo verde" apenas mudam a "cor" da situação. A alienação da natureza, os estilos de vida materialistas e a ausência de preocupação com os não humanos e com a ecologia resultam em destruição ecológica e desigualdades sociais. Portanto, de acordo com uma visão de mundo ecocêntrica, uma transformação radical de nossa visão de mundo é urgentemente necessária (Purser *et al.*, 1995) para reconectar os seres humanos com a natureza e aceitar que a inserção dos seres humanos na natureza mudará nosso relacionamento com nós mesmos, com os outros e com a natureza, nossa produção de conhecimento e tecnologia, nossa tomada de decisões e nossa vida (Allen *et al.*, 2019). Em termos de IS, compreender nossa mentalidade e discurso antropocêntricos e transformá-los em uma orientação ecocêntrica poderia possibilitar resultados mais desejáveis de IS.

Inovação social no discurso crítico sobre sustentabilidade

Uma inovação é chamada de social quando resolve um problema social, beneficia a sociedade, prioriza o enriquecimento social em vez do enriquecimento privado, aumenta a capacidade de ação da sociedade e traz transformação social (Murray *et al.*, 2010; Sharra & Nyssen, 2011). Alguns também propõem que a IS surgiu como resposta e remédio para uma ideologia neoliberal que causa desigualdades sociais e ecológicas (Nussbaumer & Moulaert, 2007). A IS não se limita apenas a resolver os problemas sociais que estão ocorrendo, mas também se espera que sirva para a transformação de uma sociedade diferente.

A IS não é um conceito novo e entrou no discurso público no início do século XIX com a narrativa de que o inovador social é um "reformador social" ou "socialista" que desafia a ordem estabelecida (Godin, 2015). Essa impressão política foi recentemente reapresentada como apolítica e como progresso positivo, sem questionar nada sobre o conceito e seus resultados (Godin & Vinck, 2017). Abordar o SI a partir de uma perspectiva evolutiva prova que o SI foi usado pela primeira vez por sociólogos para explicar a difusão de inovações tecnológicas em comunidades em rede e o efeito social das inovações (Ayob *et al.*, 2016). A colaboração em, e entre, diferentes níveis da sociedade é um conceito central para a IS. Outro elemento importante da IS é a reestruturação das relações de poder dentro da sociedade. Portanto, a mudança social está no nó da IS. A IS pode desafiar a ordem existente e a elite dominante e/ou servir como um meio de lidar com as desigualdades sociais (Schubert, 2019). Em outras palavras, a colaboração leva a novas formas de relacionamento que levam à inovação. A inovação também causa mudanças nos relacionamentos, cria valor social e, consequentemente, gera impacto

social (Moulaert *et al.*, 2005; Moulaert & MacCallum, 2019). A atual ortodoxia ocidental “moderna”, em que o capitalismo e a individualização da sociedade criam disparidades de riqueza e uma visão limitada do mundo, é um enorme desafio para a IS e a mudança social. Nesse contexto, a IS é formulada como uma forma de lidar com as consequências do capitalismo tardio moderno (Schubert, 2019).

Embora existam visões contraditórias sobre a relação entre a IS e o DS, Millard (2018) argumenta que a IS, como conceito, está sob o guarda-chuva da sustentabilidade e é usada principalmente como prática de desenvolvimento sustentável (DS). Como o interesse em DS aumentou com a promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável do PNUD, a IS também é incentivada como a esperança para todas as nossas questões sociais e ecológicas (Millard, 2018; Schubert, 2019), com a ONU exigindo o uso de abordagens de inovação social para alcançar os ODS, tornando a IS popular e quase obrigatória (Millard, 2018).

Os estudos críticos de sustentabilidade criticam principalmente a falta de um acordo universal sobre a definição de sustentabilidade, embora seja um termo popular e “politicamente correto” entre acadêmicos e profissionais+. A imprecisão da definição de sustentabilidade também permite que o termo sirva como uma rubrica geral que sofre de ambiguidade na teoria e na prática (Ala-Uddin, 2019; Hopwood *et al.*, 2005; Zygmunt, 2016). De fato, estudos críticos mostraram que, desde o início, a literatura, as práticas e as pesquisas sobre “sustentabilidade” nunca questionam as estruturas e as relações que criam esses problemas (intencionalmente ou não) (Carroll, 1991). Portanto, embora a sustentabilidade tenha sido introduzida para encontrar soluções para os problemas, ela ficou longe de resolvê-los e parece, inadvertidamente, fortalecer o *status quo*. Estudos também discutem o termo “sustentabilidade fraca”, que enfatiza o crescimento econômico, a objetificação e a utilização da natureza e a negação da responsabilidade das relações de poder existentes (Bonnedahl & Eriksson, 2007). Assim, a aplicação do DS pela ONU como um conceito de política se encaixa principalmente na sustentabilidade fraca, pois foi criticada por Adelman (2018) e Bonnedahl e Caramujo (2019) por ser economicamente orientada e ecologicamente modernizadora, reforçando o *status quo*. Nessa perspectiva, um equilíbrio entre a sociedade e a natureza pode ser alcançado e gerenciado pela sustentação do crescimento econômico por meio do DS, que também é chamado de crescimento sustentável (Bonnedahl & Caramujo, 2019).

Essa noção de sustentabilidade fraca, que busca proteger a natureza ao mesmo tempo em que busca o crescimento econômico, parece não funcionar quando as limitações planetárias são ignoradas (Ayres *et al.*, 2001). Por outro lado, a sustentabilidade forte exige novas formas de organização além da economia capitalista atual e aceita a inserção da sociedade e da economia na natureza (Stål & Bonnedahl, 2016). A sustentabilidade forte argumenta que os recursos naturais não podem ser substituídos por soluções criadas pelo homem e aceita a não linearidade da ecologia (Steffen *et al.*, 2015). Haskell

et al. (2021) argumentam que, ao estudar a IS, as abordagens fortes e fracas da sustentabilidade devem ser consideradas porque a abordagem da SD fornecerá a estrutura de como a IS será conceituada e praticada. Em seu estudo, Eichler e Schwarz (2019) mostraram que a maioria das intervenções de IS se enquadraria em um ou vários ODSs e afeta as interações entre os ODSs. Além disso, nem todas as interações são positivas, pois uma melhoria em um ODS (por exemplo, produção de alimentos para acabar com a fome) pode levar à deterioração de outro ODS (por exemplo, água potável e saneamento) (Franklin *et al.*, 2017). De fato, há muitas contradições quando se adota uma mentalidade de SI focada no mercado e na tecnologia para problemas sociais. Para que a IS sirva ao DS, é preciso reconhecer a inserção da sociedade e da economia na natureza. Caso contrário, a IS se tornará uma ferramenta para reforçar as suposições existentes sobre a organização humana que coloca o mercado à frente de todas as outras considerações (Haskell *et al.*, 2021).

Como acadêmicos críticos, precisamos estar cientes de que, se o campo da IS não estiver abrindo caminhos para transformações radicais, ele poderá estar apoiando as estruturas existentes (Olsson *et al.*, 2017). Portanto, é razoável argumentar que a conceituação antropocêntrica da IE pode ser a razão pela qual a IE e o DS não estão alcançando os resultados desejados. Colocar os "humanos" no centro e objetivar tudo para nos servir nega a dependência humana da ecologia. Se a prática da IS não estiver questionando as estruturas de poder existentes na organização humana, as suposições subjacentes da relação homem-natureza e oferecendo novas formas de conexão, é improvável que ocorra o resultado desejado de mudança social. Embora o aspecto de "não danificar a natureza" seja fundamental, a IS também pode ser conceituada de forma a permitir que os seres humanos se adaptem, se regenerem e cocriem com a natureza. Assim, por que a redução dos impactos negativos é importante, é ainda mais importante que, como seres humanos, também tenhamos a capacidade de contribuir positivamente para a natureza.

2. ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO

O padrão de linguagem é uma ferramenta útil para entender as estruturas cognitivas na mente das pessoas e revelar suas histórias subjacentes (Stibbe, 2015). Nossas ações são baseadas em nossos valores e mentalidade, e nossos valores e mentalidade são influenciados e expressos pela linguagem. Portanto, a linguagem pode nos incentivar a agir de determinadas maneiras. Como nosso objetivo neste estudo é expor as suposições subjacentes às narrativas dominantes e depois estabelecer o tipo de comportamento que é promovido em termos de ecocentrismo.

A Ecolinguística propõe que nossa linguagem é uma ferramenta útil que pode contribuir para preservar (ou danificar) a natureza e ajuda a buscar novas formas de expressão que inspirem as pessoas a prosperar com a natureza. Em resumo, a linguagem e a ecologia são interdependentes. Nossas suposições, valores, crenças, ideologias e visões de mundo determinam a relação entre si, e a natureza e todos esses processos são expressos por meio da linguagem. Não queremos minar o fato de que os seres humanos são, de fato, participantes ativos que podem entender o propósito real dos textos que encontram e desenvolver seus próprios significados, conforme afirmado pelas abordagens do Novo Materialismo (Donovan, 2018; Moore, 2017). No entanto, a análise crítica do discurso pode nos ajudar a desconstruir as histórias dentro dos discursos que compõem nossa vida cotidiana. Esses discursos são importantes porque nos influenciam em nossa relação com a natureza.

Para tornar visíveis as histórias subjacentes dos textos do Laboratório Acelerador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, com foco na inovação social, são analisadas por meio da análise ecolinguística do discurso (ECDA), um método oferecido por Stibbe (2015). O método ECDA desconstrói os textos para revelar as histórias subjacentes e descobrir "se eles incentivam as pessoas a preservar ou destruir os ecossistemas que sustentam a vida" (Stibbe, 2015, p. 24).

De acordo com Stibbe (2015), para revelar as "histórias pelas quais vivemos", os textos são analisados em termos de ideologias, enquadramentos, metáforas, avaliações, identidades, convicções, apagamento e saliência. A ECDA de Stibbe (2015) é uma combinação de diferentes técnicas de análise crítica do discurso e ecolinguística. De acordo com essa técnica, **ideologias** "são histórias compartilhadas por grupos específicos" para dar sentido ao mundo. Todas as instituições empregam uma linguagem específica que se baseia em uma ideologia. **Moldura** é "o uso de uma história de uma área da vida (uma moldura) para estruturar como outra área da vida pode ser conceitualizada". As **metáforas** são "um tipo de enquadramento que pode ser particularmente poderoso e vívido, pois usam um enquadramento específico, concreto e claramente distinto para pensar sobre uma área da vida". **Avaliações** são usados para diferenciar entre o que é bom e ruim em um contexto. Na maioria das vezes, as evidências não são fornecidas e são enfatizadas suposições tidas como certas, como "a inovação é boa", "o crescimento econômico é bom". Essas avaliações podem se tornar verdades absolutas com o tempo, e ignoramos o questionamento delas ou de seus resultados. As **identidades** são fornecidas para definir um tipo específico de pessoa. **Condenações** trata-se de convencer os leitores de que "uma determinada descrição da realidade é verdadeira, provável, improvável ou falsa". **Apagamento** refere-se às ausências ou, em outras palavras, ao que não é apresentado ou suprimido nos textos. A **saliência**, por outro lado, é destacar algo como o mais importante e crucial. Esses oito tipos de histórias não são separados, pois interagem uns com os outros. Portanto, este estudo está estruturado da seguinte forma: os quadros

principais são articulados como o primeiro nível de análise e, em seguida, dentro de cada quadro, a decisão de qual metáfora, avaliação, identidade, convicção, apagamento e saliência alimenta o padrão geral é feita como o segundo nível analítico. Em terceiro lugar, a interação entre o homem e a natureza, incluindo a dinâmica periférica, foi visualizada para mostrar as conexões, a direção e as características dos relacionamentos.

Técnicas e etapas de análise de dados

Para conduzir uma ECDA da IE no contexto do desenvolvimento sustentável, 14 publicações dos materiais de AL do PNUD são usadas, incluindo o texto da política principal do SDG para fazer uma análise completa. O motivo subjacente para selecionar esses textos é que eles envolvem "práxis" com base na política de IE. Os ALs do PNUD foram criados em 2019 no âmbito do PNUD com o objetivo de ser a "maior e mais rápida rede de aprendizado sobre desafios de desenvolvimento sustentável". Em outras palavras, eles foram criados com o objetivo de alcançar substancialmente os ODSs do PNUD. No início, foram estabelecidas 60 equipes de laboratórios em 78 países, que aumentaram para 91 laboratórios após a inclusão dos países em desenvolvimento. Portanto, os ALs do PNUD são projetados para cultivar e implementar sistemas de SI para atingir os ODSs, especialmente nos países em desenvolvimento. Esses textos já foram publicados como uma extensão do instrumento de política de IS do PNUD, principalmente para mostrar o papel transformador dos Laboratórios Aceleradores nos países em desenvolvimento.

Os textos, que enquadram os laboratórios aceleradores ao vivo, foram retirados do site da organização (consulte a Tabela 1 para obter mais detalhes)¹ e foram lidos detalhadamente pelos autores várias vezes em um período de janeiro até o final de maio de 2022 e, em seguida, foi realizada uma codificação aberta para cada um dos oito tipos de ECDA. Para reconhecer o contexto mais amplo, quatorze outros relatórios e textos do PNUD foram incluídos propositalmente para obter uma análise mais abrangente (Tabela 1).

¹<https://www.undp.org/acceleratorlabs/publications>

Tabela 1. Características do documento.

Nome do documento	Ano de publicação	Número de páginas	Etiqueta do documento
Innovating in an Uncertain World: One Year of Learning and Breakthroughs – 2020 Annual Report	Julho de 2020	37	ACCL_R1
The Fast and Curious: Our Story So Far	Junho de 2020	34	ACCL_R2
Strategy to Scale Social Innovation for Development	Agosto de 2020	126	ACCL_R3
Strategy to Scale Social Innovation for Development (Toolkit only)	Maio de 2020	43	ACCL_R4
The Changing Nature of Work: 30 signals to consider for a sustainable future	ABRIL DE 2021	53	ACCL_R5
Collective Intelligence for Sustainable Development: Getting Smarter Together	Maio de 2021	53	ACCL_R6
Collective Intelligence for Sustainable Development: 13 Stories from the UNDP Accelerator Labs	Maio de 2021	60	ACCL_R7
Grassroots Innovation: An Inclusive Path to Development	Agosto de 2021	111	ACCL_R8
Lessons Learned from Applying the Data Powered Positive Deviance Method to Identify Grassroots Solutions Using Digital Data	Outubro de 2021	24	ACCL_R9
The Data Powered Positive Deviance Handbook	Novembro de 2021	138	ACCL_R10
Midterm Evaluation of the UNDP Accelerator Lab Network Project	Fevereiro de 2022	62	ACCL_R11
Resolution adopted by General Assembly	Setembro de 2015	35	UN_GA_REPORT
UNDP Accelerator Lab Brochure	N\A	16	ACCL_B
			Total de Páginas: 792

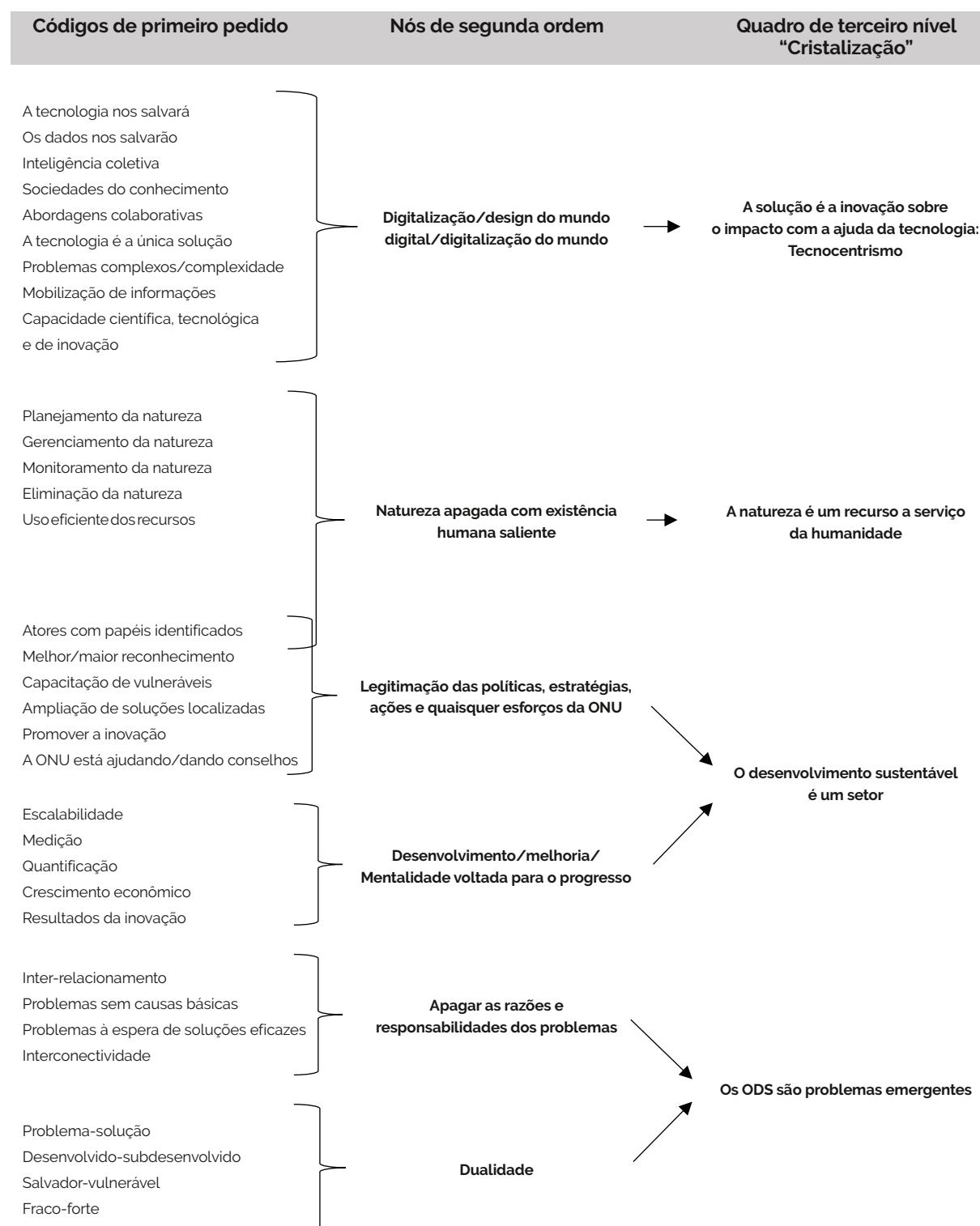
Fonte: elaborado pelos autores (Ergun & Samur-Teraman, 2022).

Antes de criar o esquema de codificação, derivamos as frequências das palavras, realizamos uma pesquisa lexical estendida com algumas palavras-chave que foram selecionadas com base no julgamento dos próprios pesquisadores, como tecnologia, inovação, crescimento, natureza, humano, pessoas, sustentabilidade, natureza etc. e, por fim, analisamos algumas dessas palavras-chave em seu contexto utilizando o MAXQDA 2020. O objetivo dessa análise inicial é abordar os dados e, como analistas, prepará-los para uma análise mais detalhada.

A codificação foi realizada de forma iterativa em três camadas, começando com a codificação N-Vivo baseada em texto, criando vínculos entre as categorias. Durante esses estágios analíticos de codificação, os pesquisadores interagiram com os textos de forma independente e interdependente por meio da criação de mapas mentais para representar a estrutura de codificação. Além disso, os pesquisadores anotaram seus sentimentos e criaram memorandos de documentos separadamente após a leitura de cada texto. Em seguida, todos os memorandos foram lidos e unificados para representar cada documento. Os textos foram analisados por meio de várias mudanças no significado dos códigos, sentimentos dos pesquisadores e mudanças na compreensão da lógica

interna da pesquisa. Como resultado de vários estágios analíticos, chegamos a códigos de primeira ordem orientados por dados, nós de segunda ordem e, por fim, quadros de terceiro nível, conforme mostrado na Figura 1. abaixo.

Figura 1. Caminho da análise.



Fonte: elaborado pelos autores (Ergun & Samur-Teraman, 2022).

3. RESULTADOS

Esta seção apresenta quatro quadros, incluindo trechos representativos dos textos, pressupostos subjacentes e rótulos de documentos. Há quatro quadros nos textos que alimentam a ideologia antropocêntrica neoliberal tecnocêntrica: a natureza é um recurso que é mencionado de forma impressionante na Resolução da Assembleia Geral da ONU; os ODSs são problemas emergentes; a solução é a inovação na redução do impacto com a ajuda da tecnologia; e o DS é um setor. Os textos enfatizam principalmente o empreendedorismo em termos de inovação e tecnologia, a importância e a necessidade do crescimento econômico, a multiplicação e a expansão da inovação social, que são os principais componentes do discurso tecnocêntrico neoliberal (Fougere *et al.*, 2017).

Quadro 1: “A natureza é um recurso a serviço da humanidade”

Sob essa estrutura, a “natureza” é conceituada como um recurso a ser planejado, gerenciado, possuído e usado, em vez de um ser/organismo vivo, e então é declarada como “propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, herança, recursos naturais”, “alcançar a gestão sustentável e o uso eficiente dos recursos naturais”, “planejamento e gestão relacionados à mudança climática”, “uso sustentável de ecossistemas terrestres, gestão sustentável de florestas”, “gestão florestal”. Além dessa passivação da natureza como algo que poderia ser gerenciado de forma sustentável, controlado, usado de forma eficiente, em todos os textos a natureza parece ser apagada e a existência humana é saliente e proeminente na percepção da natureza.

[...] Como o Laboratório de Aceleração poderia fortalecer os setores econômicos baseados no oceano de forma a promover o uso sustentável dos recursos oceânicos? Ao longo do ano, o Laboratório se concentrou em impulsionar uma forma mais sustentável de turismo e apoiar a pesca para gerar renda, reduzir o desperdício e aumentar o uso de energia renovável. (ACCL_R1, p. 25)

Os trechos a seguir representam de forma impressionante o domínio das “pessoas” sobre a natureza, enfatizando assim a lógica da centralização no ser humano com a crença de que os seres humanos salvarão a natureza.

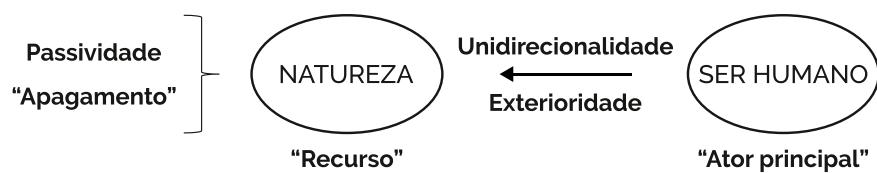
[...] [...] É uma agenda do povo, pelo povo e para o povo – e isso, acreditamos, garantirá seu sucesso. (Relatório da AG da ONU, p. 12)

[...] O futuro da humanidade e do nosso planeta está em nossas mãos. (Relatório da AG_ONU, p. 12)

[...] Eles serão centrados nas pessoas, sensíveis ao gênero, respeitarão os direitos humanos e terão um foco especial nos mais pobres, nos mais vulneráveis e naqueles que estão mais atrasados. (Relatório da AG da ONU, p. 32).

Como um resumo de tudo isso, a Figura 2 caracteriza a relação entre “natureza” e “humano” na Estrutura I. De acordo com a representação, a natureza está associada à humanidade, mas a relação entre o ser humano e a natureza é unidirecional, sendo o ser humano o ator principal e a natureza um recurso externo.

Figura 2. Mapa mental sobre a natureza e o relacionamento humano para a Estrutura I.



Fonte: este mapa mental é baseado na elaboração dos próprios autores (Ergun & Samur-Teraman, 2022).

Quadro 2: “Os ODS são problemas emergentes”

Com essa estrutura, os textos se concentram principalmente nos problemas em vez de nas raízes, portanto, os resultados revelaram que os ODSs são enquadrados como problemas emergentes que surgiram do nada e que são ameaças ao desenvolvimento, desafiadores e urgentes, extrapolados dos seguintes trechos:

[...] [...] Ao observarmos a velocidade das mudanças ao nosso redor e a forma como muitos problemas sociais e ambientais persistentes se transformam em novos desafios (e geralmente mais complexos), somos movidos pela pergunta: existem melhores práticas para os desafios que estamos enfrentando agora? (ACCL_R2, p. 26)

[...] Estamos lidando com desafios que surgem e evoluem. (ACCL_R2, p. 26.)

Expressões como “mudança climática”, “riscos relacionados ao clima”, “desastres naturais”, “desertificação”, “desmatamento”, “poluição do ar” parecem retirar a responsabilidade por essas situações e podem ser interpretadas como se esses problemas não tivessem causas, acontecessem por conta própria e não tivessem nada a ver com a maneira como os seres humanos estão organizados e vivem hoje. A “atribuição externa” é usada para conectar causa e efeito sem uma compreensão dos mecanismos reais que operam nos bastidores.

Os casos de problemas ambientais apresentados nos textos são considerados problemas apenas na medida em que afetam as pessoas. “[...] A OMS estimou que cerca de sete milhões de mortes prematuras em todo o mundo são causadas pela poluição do ar todos os anos...” convence o leitor de que a poluição do ar é perigosa para as pessoas, portanto é um problema importante a ser resolvido. As razões para a poluição do ar são apagadas e, além disso, essas frases enfatizam a mentalidade de que as questões naturais são importantes apenas quanto afetam os seres humanos.

[...] Ameaças globais à saúde, desastres naturais mais frequentes e intensos, conflitos crescentes, extremismo violento, terrorismo e crises humanitárias relacionadas e deslocamento forçado de pessoas ameaçam reverter grande parte do progresso de desenvolvimento feito nas últimas décadas. (UN GA_Report, p. 5)

Esses problemas emergentes não são o resultado do “progresso do desenvolvimento feito nas últimas décadas”, mas sim ameaças ao “desenvolvimento”, conforme declarado na Meta 13 (consulte a Resolução adotada pela Assembleia Geral da ONU). “Adotar

medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos" e 'combater a desertificação', particularmente declaradas na Meta 13 do ODS, implicam uma metáfora com uma suposição subjacente de que a natureza é algo lá fora, separado de nós, e que devemos temê-la e combatê-la, se necessário.

Além disso, o trecho "a pandemia fará retroceder décadas de progresso, empurrando 71 milhões de pessoas para a pobreza extrema em 2020" apaga a responsabilidade do sistema econômico pelo aumento da pobreza. Isso também indica o paradoxo existente na dualidade "problema e solução": eles são vistos apenas como problemas que, até hoje, eram considerados conceitos positivos.

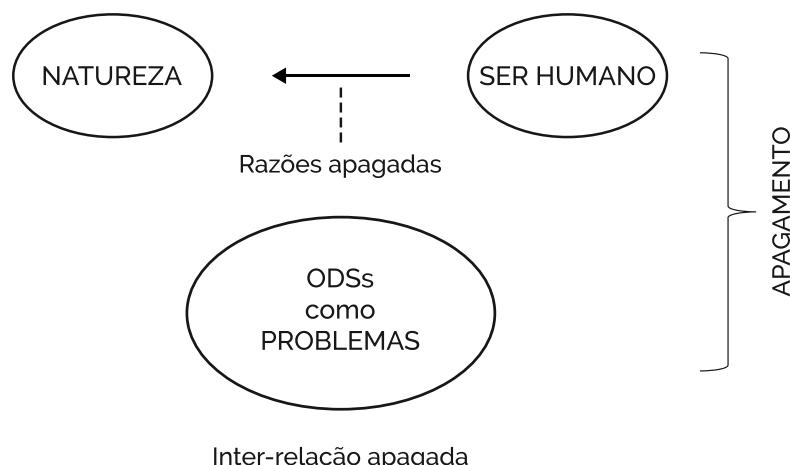
Os ODSs são rotulados como ameaças e "males", o que é uma avaliação de que esses problemas são ruins e podem "reverter grande parte do progresso do desenvolvimento feito nas últimas décadas", o que, por sua vez, significa que o progresso do desenvolvimento nas últimas décadas é bom e desejável.

[...] Iniciamos a rede de Laboratórios de Aceleração do PNUD deliberadamente com foco na aceleração: construir sobre o que existe, em vez de presumir que ideias ou tecnologias ainda não inventadas sejam a cura para os males do desenvolvimento. (ACCL_R2, p. 14).

Apesar de reconhecer a interconexão desses problemas, ainda há dúvidas sobre o aspecto da "inter-relação". A interconexão refere-se principalmente a "entrelaçado" e "conectado em vários pontos ou níveis", mas a inter-relação é usada quando as coisas têm uma relação mútua ou recíproca ou indica paralelismo, que também pode ser correlativo.

[...] São problemas que não são simples de resolver. Eles são compostos por bilhões de ações e interações. Eles mudam a cada minuto. São complexos. Estão interconectados. (ACCL_B, p. 2.)

Figura 3. Mapa mental sobre a relação entre a natureza, o ser humano e o problema para a Estrutura II.



Fonte: este mapa mental é baseado na elaboração dos próprios autores (Ergun & Samur-Teraman, 2022).

Quadro 3: “A solução é a ‘inovação’ na redução individualizada do impacto com a ajuda da tecnologia”

Apresentar a solução como uma mera redução do impacto por meio da tecnologia e da inovação inclui convicções e avaliações. As convicções e avaliações baseiam-se principalmente na complexidade dos problemas, e sua solução surge nas abordagens colaborativas de inovação com a ajuda da tecnologia.

[...] Esses problemas [...] não podem ser analisados com conjuntos de dados de cinco anos atrás. E eles não serão resolvidos por um único avanço tecnológico. (ACCL_B, p. 2)

[...] A disseminação da tecnologia da informação e das comunicações e a interconexão global têm grande potencial para acelerar o progresso humano, reduzir a exclusão digital e desenvolver sociedades do conhecimento, assim como a inovação científica e tecnológica em áreas tão diversas como medicina e energia. (UN_GA_Report, p. 5)

As afirmações nos textos que enfatizam a importância da educação, da conscientização, da capacidade humana e institucional, do aprimoramento da mitigação da mudança climática, da adaptação, da redução do impacto e do alerta precoce necessitam de ações urgentes para combater a mudança climática e seus impactos, portanto, parecem convencer o leitor de que as soluções devem ser voltadas para a “redução do impacto” em vez de se concentrarem nas causas básicas desses problemas. Nos textos, parece que, quando a solução for aplicada, o problema desaparecerá. Frases como “Até 2030, reduza substancialmente o número de mortes e doenças causadas por produtos químicos perigosos e pela poluição e contaminação do ar, da água e do solo” (UN_GA_Report, p. 16), ‘gerenciamento de resíduos’ também tem como objetivo reduzir o resultado em vez de não produzir e consumir produtos químicos perigosos e poluição e contaminação do ar, da água e do solo ou diminuir o consumo ou a produção para eliminar os resíduos. “Com base nesses arquétipos, o Laboratório em Gana está projetando um conjunto de estímulos comportamentais para incentivar e acelerar a adoção da prática de reciclagem nas comunidades” (ACCL_R2, p. 25), trecho retirado do documento História dos Laboratórios de Aceleração do PNUD como uma indicação adicional de eliminação do impacto do consumismo e da importância do resultado em comportamentos individualizados.

Outra convicção revelada pelos textos é que as soluções devem ser desenvolvidas por pessoas que são afetadas pelos problemas, e não pelas pessoas que causam esses problemas; portanto, a “Inovação Social” é conceituada como “com as pessoas, não para as pessoas”, como se vê no trecho a seguir:

[...] Ao envolver voluntários da comunidade na coleta e interpretação de dados, eles também ajudam as pessoas afetadas pela poluição a ver a dinâmica do sistema e a tomar medidas contra a degradação ambiental. (ACCL_R7, p. 9)

Entre outras convicções embutidas nos textos, incluindo como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a globalização beneficiarão o progresso humano, também se apagam os resultados ecológicos e sociais de tais tecnologias.

[...] A disseminação da tecnologia da informação e das comunicações e a interconexão global têm um grande potencial para acelerar o progresso humano, reduzir a exclusão digital e desenvolver sociedades do conhecimento, assim como a inovação científica e tecnológica em áreas tão diversas como medicina e energia. (UN_GA_Report, p. 5)

Os resultados também atribuíram explicitamente um significado mais elevado à "inovação", que é a salvação da humanidade nesta era de problemas complicados. Assim, a inovação nos salvará, tudo é para a inovação e o crescimento econômico e, portanto, todo o sistema educacional deve ser construído com base no desenvolvimento dessas habilidades, outra convicção constantemente repetida nos textos.

[...] Os setores que fornecem essas tecnologias prosperarão em um mundo que já depende de um fluxo constante de inovação em todos os aspectos da vida. O conhecimento e as habilidades necessárias para nutrir esse tipo de crescimento terão de vir da força de trabalho existente, bem como das gerações mais jovens que ainda estão no sistema educacional. (ACCL_R5, p. 23)

[...] A educação eficaz pode fornecer aos cidadãos as ferramentas que os ajudarão a se tornarem inovadores bem-sucedidos e a se prepararem melhor para a vida fora da sala de aula. (ACCL_R8, p. 17)

Os textos também enfatizam que a missão dos países desenvolvidos é "fortalecer as capacidades científicas, tecnológicas e inovadoras dos países em desenvolvimento para que avancem em direção a padrões mais sustentáveis de consumo e produção" (UN_GA_REPORT, p. 8), e então as soluções aparecerão. Isso, mais uma vez, apaga claramente os motivos e as causas dos problemas desses países em desenvolvimento e implica que os hábitos de consumo e produção permanecerão os mesmos, mas de forma sustentável.

[...] Operacionalizar totalmente o banco de tecnologia e o mecanismo de capacitação em ciência, tecnologia e inovação para os países menos desenvolvidos até 2017 e aprimorar o uso de tecnologias facilitadoras, em especial as tecnologias de informação e comunicação. (UN_GA_Report, p. 26)

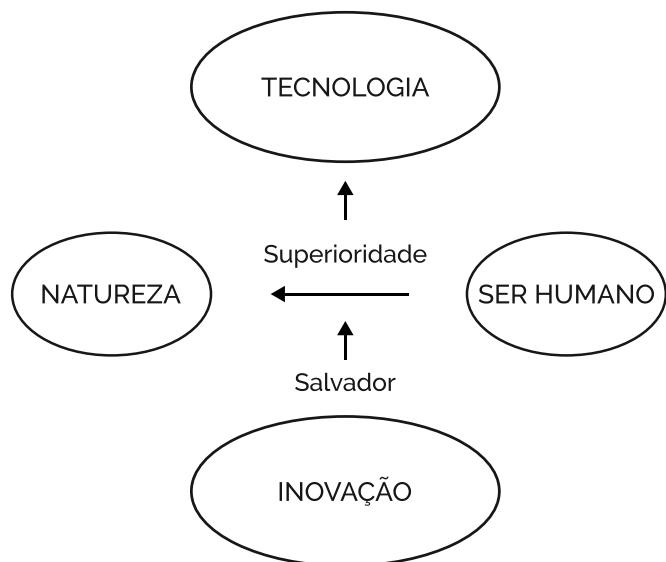
Essa convicção enfatiza uma "abordagem coletivista" por meio da inteligência coletiva, que "pode ser entendida como a capacidade aprimorada que é criada quando as pessoas trabalham juntas, muitas vezes com a ajuda da tecnologia, para mobilizar uma gama maior de informações, ideias e percepções" (ACCL_R6, p. 5). Ele define claramente a solução como "tecnocentrismo" com seu poder ilustrado conforme detalhado:

[...] O poder da tecnologia significa que as máquinas agora podem realizar algumas das funções de inteligência nas quais os humanos não são tão bons, como o processamento de grandes volumes de dados. (ACCL_R2, p. 20)

A convicção de ser mais rápido e maior também alimenta esse quadro. As restrições de tempo e a urgência parecem criar um círculo vicioso que também inclui muitos becos sem saída que impedem a humanidade de seguir a chamada visão planejada, mas com estratégias oximoros.

[...] Precisamos dar passos mais rápidos e maiores em direção aos SDGs, caso contrário, esses objetivos não serão alcançados até 2030. (ACCL_R2, p. 20)

Figura 4. Mapa mental sobre a relação entre a natureza, o ser humano e a tecnologia para a Estrutura III.



Fonte: este mapa mental é baseado na elaboração dos próprios autores (Ergun & Samur-Teraman, 2022).

Quadro 4: “O desenvolvimento sustentável é um setor”

Os textos enquadram “Desenvolvimento Sustentável é um setor”² no qual várias identidades podem ser criadas. Os relatórios AL do PNUD revelam esses atores e seus papéis identificados. A ONU se posiciona como salvadora dos “pobres e vulneráveis” sem qualquer menção aos seres não humanos e à natureza, o que implica que esses conceitos estão incluídos na categoria de “ser vulnerável”:

[...] Estamos determinados a mobilizar os meios necessários para implementar esta Agenda por meio de uma Parceria Global para o Desenvolvimento Sustentável revitalizada, com base em um espírito de solidariedade global fortalecida, com foco especial nas necessidades dos mais pobres e mais vulneráveis e com a participação de todos os países, todas as partes interessadas e todas as pessoas. (UN_GA_Report, p. 2)

²No estudo, um setor refere-se a uma divisão da economia total na qual os negócios são conduzidos em atividades operacionais idênticas. O PNUD designa Desenvolvimento Sustentável como um setor; nesse sentido, utilizamos a mesma terminologia para haver coerência.

Portanto, o campo, os atores e as regras do jogo já foram definidos pela ONU, que é o ator fundamental e tem o direito de definir o setor completo com suas fronteiras estratégicas. Nesse setor, "as pessoas vulneráveis devem ser capacitadas" e "apoiar e fortalecer a participação das comunidades locais", portanto, a responsabilidade é colocada diretamente sobre os vulneráveis, e os verdadeiros responsáveis por esses problemas são aparentemente apagados.

Os textos também estão sinalizando um desafio estratégico para a ONU: "como orquestrar melhor uma ampla gama de inteligência relevante para os ODSs – desde ciência e dados até evidências de políticas públicas e descobertas emergentes de experimentos – para ajudar os inovadores no trabalho de base de forma mais eficaz" (ACCL_R6, p. 8). o que também está tornando a ONU o condutor do setor. Como uma importante ferramenta de intervenção nesse processo, os Accelerator Labs do PNUD "... estão em uma posição única para liderar essa transformação" (ACCL_R3, p. 44) e "Os Labs estão se baseando em soluções locais para ver onde os avanços são possíveis" (ACCL_R2, p. 17) para dimensionar as soluções locais que estão surgindo.

O método de intervenção da empresa nesse processo já foi articulado da seguinte forma:

[...] Os Laboratórios de Aceleração do PNUD se concentram em três áreas de inovação: 1) Inovação de base: aproveitar o conhecimento e a engenhosidade de mulheres e homens que vivem na pobreza e enfrentam os efeitos das mudanças climáticas, 2) Inteligência coletiva: Aproveitar o poder das pessoas, dos dados e das máquinas para ficarmos mais inteligentes juntos; 3) Portfólios de experimentos: Para intervir em sistemas complexos, são necessárias várias intervenções seguras e fracassadas. (ACCL_R8, p. 94)

O PNUD se torna o principal ator nesse setor e convence o leitor sobre seu possível impacto na ordem mundial em constante mudança. O UNDP AL também visa ao crescimento por meio do trabalho dos Laboratórios, que são *uma iniciativa com prazo determinado para injetar inovação no DNA organizacional e levar a inovação de um empreendimento de butique para um reflexo*.

[...] O PNUD investiu centenas de milhões de dólares para promover a inovação por meio de iniciativas como o Accelerator Labs e o Innovation Facility, e vemos a adoção de políticas de inovação pelo governo como um ingrediente fundamental para criar os incentivos certos para a inovação de baixo para cima como parte do desenvolvimento sustentável. (ACCL_R8, p. 93)

A metáfora "reflexo" (mencionada em ACCL_R11, p. 49) é interessante, pois indica uma ação realizada sem consciência como resposta a um estímulo. Isso também humaniza o sistema e parece arriscado, pois o tempo para respostas mais conscientes é de fato necessário.

Os governos receberam o papel de facilitadores para aumentar o investimento em tecnologia e inovação, com ênfase especial na integração das habilidades de inovação à educação. Entretanto, os governos, especialmente os dos países em desenvolvimento, ainda estão enfrentando "desafios significativos para alcançar o desenvolvimento sustentável" (UN_GA_Report, p. 13) e "não estão familiarizados com as novas fontes de dados disponíveis". (ACCL_R6, p. 7). Portanto, o PNUD está ajudando-os e aconselhando-os nesse sentido. A partir dos textos, somos levados a entender que a política governamental para inovação é considerada um ingrediente fundamental para criar os incentivos certos para a inovação de baixo para cima como parte do desenvolvimento sustentável.

Se esse é um setor, então os ODSs são oportunidades. Esse setor também é regido pelo sucesso e pelo fracasso, o que tem tudo a ver com a escalabilidade da inovação social. Esse setor também é movido pela ambição, pela concorrência, pela orientação para o sucesso e por ser o "melhor", o "mais", o "mais rápido" etc. O desempenho dos "desvios positivos ao longo do tempo" parece ser constantemente avaliado e é verificado se eles superam seus pares de forma consistente. Reconhecendo a importância da contextualidade e da diversidade intercultural, as mentes brilhantes, os que apresentam desempenho superior e os desviantes positivos são as estrelas desse setor. Assim, o objetivo do UNDP AL é encontrar esses desviantes positivos por meio da tecnologia e ampliar suas inovações se elas forem "dignas de ampliação"³.

[...] Desvio positivo: Uma abordagem que busca identificar pessoas com desempenho superior para entender e replicar suas estratégias e práticas em uma comunidade. (ACCL_R10, p. 6)

[...] Isso está abordando especificamente a questão: Vale a pena aumentar a escala? Se for provável que cumpra determinados objetivos, também é provável que valha a pena ampliar. (ACCL_R3, p. 11)

Acredita-se que esse setor opere de forma mais eficaz com inteligência coletiva, na qual a tecnologia faz uso total da experiência humana.

[...] Agora precisamos aproveitar totalmente o conhecimento de quase oito bilhões de pessoas no planeta e disseminar suas soluções, muitas vezes surpreendentes, e abordagens inovadoras. (ACCL_R6, p. 4)

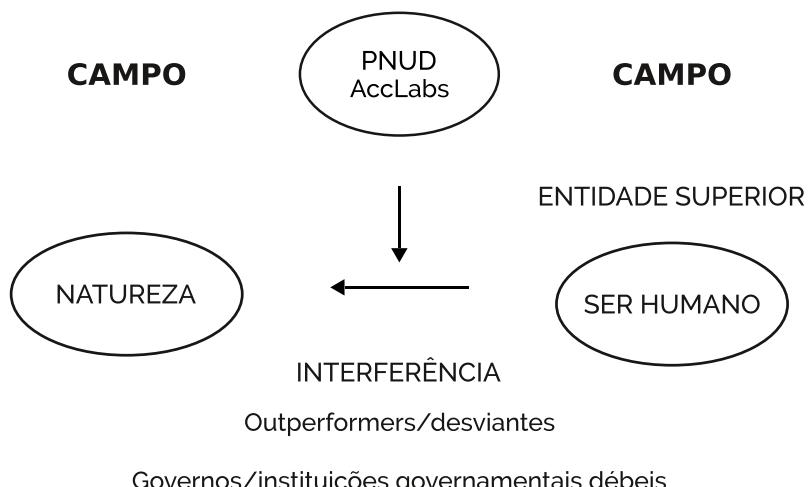
A ideia por trás dessa afirmação parece ser a de que, se pudermos coletar todas as informações e dados sobre todas as pessoas do planeta, com a ajuda da TIC e disseminar as inovações, todos os problemas serão resolvidos.

A identidade múltipla das empresas do setor privado é, de certa forma, apagada nos textos em termos de sua contribuição para os ODS. No entanto, elas são incentivadas, especialmente as empresas grandes e transnacionais, "...a adotar práticas sustentáveis

³Ampliação é um conceito comum em empreendedorismo que indica a capacidade de uma start-up crescer de forma a que os seus rendimentos continuem a crescer mais rápido que os seus custos.

e a integrar informações sobre sustentabilidade em seu ciclo de relatórios". Além disso, espera-se que suas "missões empresariais estejam mais envolvidas no enfrentamento de questões globais e sociais prementes", uma vez que "a atividade empresarial privada, o investimento e a inovação são os principais impulsionadores da produtividade, do crescimento econômico inclusivo e da criação de empregos". (UN_GA_Report, p. 29).

Figura 5. Mapa mental da relação entre a natureza, o ser humano e o PNUD para o Quadro IV.



Fonte: este mapa mental é baseado na elaboração dos próprios autores (Ergun & Samur-Teraman, 2022).

CONCLUSÃO E DISCUSSÃO

De uma perspectiva ecocêntrica, os discursos do AL do PNUD podem ser considerados ambivalentes; no entanto, os textos ambivalentes não são destrutivos, mas podem ser modificados para incentivar as pessoas a florescerem com a natureza. Nos Relatórios do UNDP AL, a natureza é enquadrada como um recurso a ser "usado" de forma sustentável, a redução do consumo e da produção em geral e/ou conceitos como "decrescimento", "desconsumo" etc. não são mencionados de forma alguma, nem as agências e/ou relações de poder e/ou estruturas e/ou mentalidades que causam a destruição ecológica e os problemas sociais.

Considerando a ecosofia dos autores, que busca uma redução global do consumo e da produção e uma redistribuição da riqueza dos ricos para os pobres, projetando a vida e os modos de vida inspirados na natureza com a intenção de permitir que os seres humanos se tornem uma espécie mais bem adaptada à vida na Terra e floresçam com a natureza pela natureza, os textos parecem não estar nem perto disso. Os documentos enfatizam o modo antropocêntrico de desenvolvimento humano e a manutenção do *status quo*. Consequentemente, não é de surpreender que tenham sido escritos em uma ideologia antropocêntrica neoliberal tecnocêntrica. As expressões são obviamente

centradas no ser humano. O discurso nesses documentos emprega a mentalidade de que tudo é um instrumento para os seres humanos. Tudo, da natureza à tecnologia, da inovação humana à social, são instrumentos que só têm valor se puderem ser utilizados. A natureza é considerada um recurso se beneficiar as pessoas, e é vista como uma ameaça quando prejudica as pessoas. Quando a natureza é enquadrada como um recurso a serviço dos seres humanos ou como uma ameaça, devemos "tomar medidas contra", seu valor é determinado em termos do grau de utilização e funcionalidade dos objetos, o que diminui as dimensões autônomas, intrínsecas e únicas dos objetos. De acordo com os textos, de fato, a dualidade homem-natureza leva à ideia de dominação humana sobre a natureza, o que resulta na consideração da natureza como recurso e afeta todos os outros enquadramentos e conceitualizações em termos de SI. A dualidade homem-natureza também permite retirar a responsabilidade dos seres humanos do surgimento e da evolução dos "problemas". Essa mentalidade de problema cria a percepção de que, quando a solução é encontrada, o problema diminui, o que não é o caso na maioria das vezes na realidade (Stibbe, 2015). Em vez de uma estrutura de problema, pode-se propor uma estrutura de situação difícil que incentive as pessoas a encontrar respostas em vez de ver o mundo como um "problema" e reagir com "reações" (Stibbe, 2015).

Encontramos as convicções tecnocêntricas dos textos em que a combinação de tecnologia, inovação e vontade humana de salvar o planeta é ainda mais destacada. O problema com essa mentalidade de "desenvolvimento liderado pela inovação" está em sua tendência de avaliar a inovação e a tecnologia como boas sem nenhum questionamento profundo. Isso pode ser rotulado como "fetiche da inovação", pois os danos causados por uma inovação e uma mentalidade de inovação não são avaliados. Esse fetiche pela inovação e pela tecnologia diminui o valor de uma perspectiva de manutenção e se concentra no "aprimoramento" de tudo. Não obstante, a tecnologia e a inovação no sentido ecocêntrico podem ser uma ferramenta importante para que as pessoas encontrem maneiras de florescer com a natureza e coexistir com outras formas de vida, o que acabaria tornando as pessoas uma espécie mais bem adaptada à natureza. Portanto, para essa transformação, é necessário afastar-se dos valores ambiciosos existentes de ter mais e crescer mais (Fromm, 1976).

Também encontramos a ênfase no resultado do SI. Embora a palavra resultado seja substituída por impacto no SI de escala, a diferença entre os dois é ambígua. Em um texto ecocêntrico, as metas intrínsecas são mais valiosas, pois as metas extrínsecas causaram o dano ecológico em primeiro lugar. No entanto, o SI pode não "valer" a pena aumentar, diminuir ou aprofundar, pois todo objeto é valioso e merece apoio.

A obsessão da sociedade capitalista com a competição e a obtenção de resultados (Savran, 1998, p. 16) é óbvia nos textos. Se uma inovação resolve um problema agora, então é uma inovação bem-sucedida, sem considerar os efeitos colaterais dessas correções em termos de natureza e gerações futuras. Talvez seja por isso que os

animais e as crianças não aparecem nos textos? Nos textos, a necessidade de ser rápido e urgente é enfatizada. Embora possa parecer positivo, o modo de vida rápido é, na verdade, altamente prejudicial para as pessoas e a sociedade. Para lidar com as SDGs, talvez precisemos de novos reflexos que estejam alinhados com a natureza e, consequentemente, não sejam tão competitivos. Em vez de alcançar, ser o melhor, o mais, o mais rápido, o maior ou considerar o valor das coisas por sua capacidade de expansão, podemos passar a valorizar as pequenas coisas, com passos modestos e respeitando o tempo da natureza.

Esses discursos não incentivam o leitor a desenvolver uma compreensão mais profunda das questões e a agir de forma regenerativa com a natureza (Cachelin *et al.*, 2010). Mühlhäuser (2003, p. 134) afirmou que quando "os conceitos... são estudados isoladamente de seus criadores ou de seus efeitos, eles podem se tornar uma mercadoria comercial". No caso dos relatórios AL do PNUD, os criadores e as causas são apagados, e o DS é enquadrado como um setor no qual a IS se torna uma mercadoria. A IS, na verdade, substitui o que *permite que as pessoas imaginem e busquem, na prática, outra conceituação da natureza e da vida*, em outras palavras, o ecocentrismo. O apagamento dos principais atores responsáveis pela destruição ecológica pode levar ao desenvolvimento de soluções no nível errado (Schleppergrell, 1997). As soluções atuais estão tentando consertar as vítimas, e não os criadores. Portanto, os relatórios nos incentivam a pensar e agir em relação à natureza apenas se encontrarmos algum "problema" causado por ela. Como a redução do consumo com a correspondente redistribuição de riqueza não é mencionada nos discursos, podemos presumir que o "humor de compra" das pessoas pode continuar enquanto pudermos resolver os problemas criados pela compra e pela produção. Como Bloor e Bloor (2007, p. 12) afirmam, "como as ideologias podem ficar congeladas na linguagem e encontrar maneiras de quebrar o gelo", essa maneira de abordar a IS é a ideologia "neoliberal" congelada na linguagem.

Há uma necessidade urgente de considerar a dualidade da natureza humana. É óbvio que não podemos resolver os problemas com a mentalidade que os criou; precisamos repensar e descobrir qual é a posição da natureza nesse relacionamento. Reconhecer nossa inserção na natureza e projetar nossas vidas de acordo com ela pode ser mais regenerador do que tentar aplicar os conceitos de inovação convencionais de forma açucarada, neste caso, de forma "sustentável". Os discursos são orientados pela mentalidade de oportunidade de empreendedorismo. Os inovadores sociais nos relatórios não são vistos como intermediários da ecologia, mas sim como indivíduos/grupos separados que podem dominar a natureza ou a sociedade.

Conceituar e implementar a IS com base em quatro quadros derivados dos documentos do UNDP AL afasta o conceito de IS da noção de trazer mudanças sociais e resolver esses problemas. O setor de DS, na verdade, pode ser considerado uma inovação de mercado. É criado um mercado que só pode desenvolver correções para

os problemas e, se a sociedade mantiver a mentalidade antropocêntrica neoliberal tecnocêntrica, esse mercado tem um grande potencial de crescimento. O SI atual e dominante se torna um substituto para a descoberta de novas formas de organização e vida humana, nesse caso, o ecocentrismo. Eventualmente, a IS se torna o obstáculo para a IS e o DS naturais. Em outras palavras, a IS e o DS tornam-se oximoros. Seria ilusório esperar um resultado diferente com um esparadrapo, já que eles estão sendo conceituados e aplicados com as perspectivas que criaram esses problemas. Ao expandir apenas o comportamento dos desviantes positivos e mudar o comportamento das vítimas, a mudança social, conforme definida pelo PNUD e pelas nações desenvolvidas, é exigida apenas das vítimas desses problemas, não dos perpetradores. Como uma mudança social macro em nosso modo de vida não é incentivada nos textos, então o modo de vida atual criará vítimas.

Além da contribuição deste estudo, reconhecemos que ainda há um longo caminho a percorrer para chegar a um entendimento completo sobre o que está por trás desses discursos. A análise dos documentos também pode ser apoiada por entrevistas aprofundadas no futuro com pessoas que se envolveram de alguma forma na elaboração desses documentos. Seus pontos de vista, sentimentos, suposições e/ou opiniões pessoais (que podem ser capturados de forma fácil ou implícita em discussões casuais e formais) teriam sido um recurso valioso para aprofundar o entendimento extrapolado dos textos. Além dos documentos do UNDP AL, que foram o foco principal deste artigo, o *corpus* para análise crítica do discurso pode ser ampliado com a inclusão de outros relatórios emitidos pelo UNDP e agências relacionadas.

Concluindo, o discurso do PNUD sobre o SI pode ser considerado um discurso superficial. Em vez de um discurso que incentiva o exame das atuais visões ortodoxas e antropocêntricas, procura soluções para as causas das preocupações ambientais. Pelo contrário, os relatórios publicados pelo PNUD não desafiam o antropocentrismo, ignorando suas falhas. Nessa conceituação, a SI pode servir apenas como um reparo cosmético. Infelizmente, a ONU não conseguiu entender que a IS tem um grande potencial para apoiar a regeneração do planeta. Nossa ecosofia deve ser sobre projetar a vida e os modos de vida em alinhamento com um paradigma ecológico, inspirado pela natureza com uma intenção que permita que os seres humanos se tornem espécies mais bem adaptadas para que a vida na Terra floresça com a natureza para a natureza. Isso exige uma redução global do consumo e da produção e uma redistribuição da riqueza dos ricos para os pobres. Pedimos uma compreensão mais profunda da relação entre o comportamento organizacional e o planeta, que envolva a compreensão dos motivos de nossos problemas ambientais, aceite nossa dependência da natureza e reconheça a independência da natureza em relação a nós. Há necessidade de uma perspectiva e de uma prática na forma de adaptação ao pensamento ecológico. No entanto, parece que estamos muito longe de realizar esse projeto ambicioso, em que o poder reside no antropocentrismo que controla as narrativas dominantes em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- Adelman, S. (2017). The Sustainale development goals. Anthropocentrism and Neoliberalism. In D. French & L. Kotzé (Eds.), *Global goals: Law, theory and implementation*. Cheltenham, UK: Edward Elgar.
- Ayres, R., Van den Berrgh, J., & Gowdy, J. (2001). Strong versus weak sustainability: Economics, natural sciences, and consilience. *Environmental Ethics*, 23(2), 155-168. <https://doi.org/10.5840/enviroethics200123225>
- Ala-Uddin, M. (2019). 'Sustainable' discourse: a critical analysis of the 2030 agenda for sustainable development. *Asia Pacific Media Educator*, 29(2), 214-224. <https://doi.org/10.1177/1326365X19881515>
- Allen, S., Cunliffe, A. L., & Easterby-Smith, M. (2019). Understanding Sustainability Through the Lens of Ecocentric Radical-Reflexivity: Implications for Management Education. *Journal of Business Ethics*, 154, 781-795. <https://doi.org/10.1007/s10551-016-3420-3>
- Ayob, N., Teasdale, S., & Fagan, K. (2016). How social innovation 'came to be': Tracing the evolution of a contested concept. *Journal of Social Policy*, 45(4), 635-653. <https://doi.org/10.1017/S004727941600009X>
- Bateson, G. (1991 [1975]). *Ecology of mind: The sacred. A sacred unity. Further steps to an ecology of mind*. New York: Harper Collins.
- Bloor, M., & Bloor, T. (2013). *The practice of critical discourse analysis: An introduction*. Routledge.
- Bonnedahl, K. J., & Eriksson, J. (2007). Sustainable economic organisation: simply a matter of reconceptualisation or a need for a new ethics? *International Journal of Innovation and Sustainable Development*, 2(1), 97-115. <https://doi.org/10.1504/IJISD.2007.016060>
- Bonnedahl, K. J., & Caramujo, M. J. (2019). Beyond an absolving role for sustainable development: Assessing consumption as a basis for sustainable societies. *Sustainable Development*, 27(1), 61-68. <https://doi.org/10.1002/sd.1862>
- Cachelin, A., Norvell, R., & Darling, A. (2010). Language fouls in teaching ecology: Why traditional metaphors undermine conservation literacy. *Conservation Biology*, 24(3), 669-674. <https://doi.org/10.1111/j.1523-1739.2010.01481.x>
- Carroll, A. B. (1991). The pyramid of corporate social responsibility: Toward the moral management of organizational stakeholders. *Business horizons*, 34(4), 39-48.
- Donovan, J. (2018). Animal ethics, the new materialism, and the question of subjectivity. In A. Matsuoka & J. Sorenson (Eds.), *Critical Animal Studies: Toward Trans-Species Social Justice* (p. 257-274). Rowman & Littlefield Publishers.
- Eichler, G., & Schwarz, E. (2019). What Sustainable Development Goals Do Social Innovations Address? A Systematic Review and Content Analysis of Social Innovation Literature. *Sustainability*, 11(2), 522. <https://doi.org/10.3390/su11020522>
- Franklin, A., Kováč, I., & Csurgó, B. (2017). Governing social innovation: Exploring the role of 'discretionary practice' in the negotiation of shared spaces of community food growing. *Sociologia ruralis*, 57(4), 439-458. <https://doi.org/10.1111/soru.12126>
- Fromm, E. (1976). Altered states of consciousness and ego psychology. *Social Service Review*, 50(4), 557-569. <https://doi.org/10.1086/643427>
- Godin, B. (2015). *Innovation contested: The idea of innovation over the centuries*. Routledge.
- Godin, B., & Vinck, D. (Eds.) (2017). *Critical studies of innovation: Alternative approaches to the pro-innovation bias*. Cheltenham, UK: Edward Elgar.
- Haskell, L., Bonnedahl, K. J., & Stål, H. I. (2021). Social innovation related to ecological crises: A systematic literature review and a research agenda for strong sustainability. *Journal of Cleaner Production*, 325, 129316. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2021.129316>

- Hayward, T. (1997). Anthropocentrism: a misunderstood problem. *Environmental Values*, 6(1), 49-63. <https://doi.org/10.3197/096327197776679185>
- Heikkurinen, P., Rinkinen, J., Järvensivu, T., Wilén, K., & Ruuska, T. (2016). Organising in the Anthropocene: an ontological outline for ecocentric theorising. *Journal of Cleaner Production*, 113, 705-714. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2015.12.016>
- Hoffman, A. J., & Sandelands, L. E. (2005). Getting Right with Nature: Anthropocentrism, Ecocentrism, and Theocentrism. *Organization & Environment*, 18(2), 141-162. <https://doi.org/10.1177/1086026605276197>
- Hopwood, B., Mellor, M., & O'Brien, G. (2005). Sustainable development: mapping different approaches. *Sustainable development*, 13(1), 38-52. <https://doi.org/10.1002/sd.244>
- Kopnina, H., Washington, H., Taylor, B., & J Piccolo, J. (2018). Anthropocentrism: More than just a misunderstood problem. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, 31(1), 109-127. <https://doi.org/10.1007/s10806-018-9711-1>
- Mead, T. (2017). *Bioinspiration in Business and Management: Innovating for Sustainability*. Business Expert Press.
- Millard, J. (2018). How social innovation underpins sustainable development. In J. Howaldt, C. Kaletka, A. Schröder & M. Zirngiebl (Eds.), *Atlas of Social Innovation: New Practices for a Better Future* (p. 41-43). Munich: oekom Verlag GmbH, Young Foundation.
- Moore, B. L. (2017). *Ecological literature and the critique of anthropocentrism*. Springer.
- Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010). *The open book of social innovation* (Vol. 24). London: Nesta.
- Moulaert, F., Martinelli, F., Swyngedouw, E., & Gonzalez, S. (2005). Towards alternative model (s) of local innovation. *Urban studies*, 42(11), 1969-1990. <https://doi.org/10.1080/00420980500279893>
- Moulaert, F., & MacCallum, D. (2019). *Advanced introduction to social innovation*. Cheltenham, UK: Edward Elgar.
- Mühlhäuser, P. (2003). *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. London: Battlebridge.
- Nussbaumer, J., & F. Moulaert. (2007). L'innovation sociale au cœur des débats publics et scientifiques, In J.-L. Klein & D. Harrisson (Eds.), *L'innovation sociale* (p. 71-88). Québec: Presses de l'Université du Québec.
- Olsson, P., Moore, M. L., Westley, F. R., & McCarthy, D. D. (2017). The concept of the Anthropocene as a game-changer: a new context for social innovation and transformations to sustainability. *Ecology and Society*, 22(2), 1-14. <https://doi.org/10.5751/ES-09310-220231>
- Purser, R. E., Park, C., & Montuori, A. (1995). Limits to anthropocentrism: Toward an ecocentric organization paradigm? *Academy of Management Review*, 20(4), 1053-1089. <https://doi.org/10.5465/amr.1995.9512280035>
- Schleppegrell, M. J. (1997). Agency in environmental education. *Linguistics and Education*, 9(1), 49-67.
- Schubert, C. (2019). Social innovations as a repair of social order. *NOvation: Critical Studies of Innovation*, 1(2019), 41-66.
- Sharra, R., & Nyssens, M. (2011). *Social innovation: An interdisciplinary and critical review of the concept*. Working paper. <https://www.semanticscholar.org/paper/Social-Innovation-%3A-an-Interdisciplinary-and-Review-Sharra-Nyssens/b46a2f4e83789220bda416fcb8aco1964156e73d>
- Stål, H. I., & Bonnedahl, K. (2016). Conceptualizing strong sustainable entrepreneurship. *Small Enterprise Research*, 23(1), 73-84. <https://doi.org/10.1080/14747731.2016.1161119>

- Steffen, W., Broadgate, W., Deutsch, L., Gaffney, O., & Ludwig, C. (2015). The trajectory of the Anthropocene: the great acceleration. *The Anthropocene Review*, 2(1), 81-98. <https://doi.org/10.1177/20530196145647>
- Stephens, A., Taket, A., & Gagliano, M. (2019). Ecological justice for nature in critical systems thinking. *Systems Research and Behavioral Science*, 36(1), 3-19. <https://doi.org/10.1002/sres.2532>
- Stibbe, A. (2015). *Ecolinguistics: Language, Ecology and the Stories We Live by*. Routledge.
- Vlasov, M., Heikkurinen, P., & Bonnedahl, K. J. (2021). Suffering catalyzing ecopreneurship: Critical ecopsychology of organizations. *Organization*, <https://doi.org/10.1177/13505084211020462>
- Whiteman, G., Walker, B., & Perego, P. (2013). Planetary boundaries: Ecological foundations for corporate sustainability. *Journal of Management studies*, 50(2), 307-336. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.2012.01073.x>
- Zygmunt, T. (2016). Language education for sustainable development. *Discourse and Communication for Sustainable Education*, 7(1), 112-124. <https://doi.org/10.1515/dcse-2016-0008>